

Ditadura Militar no Brasil

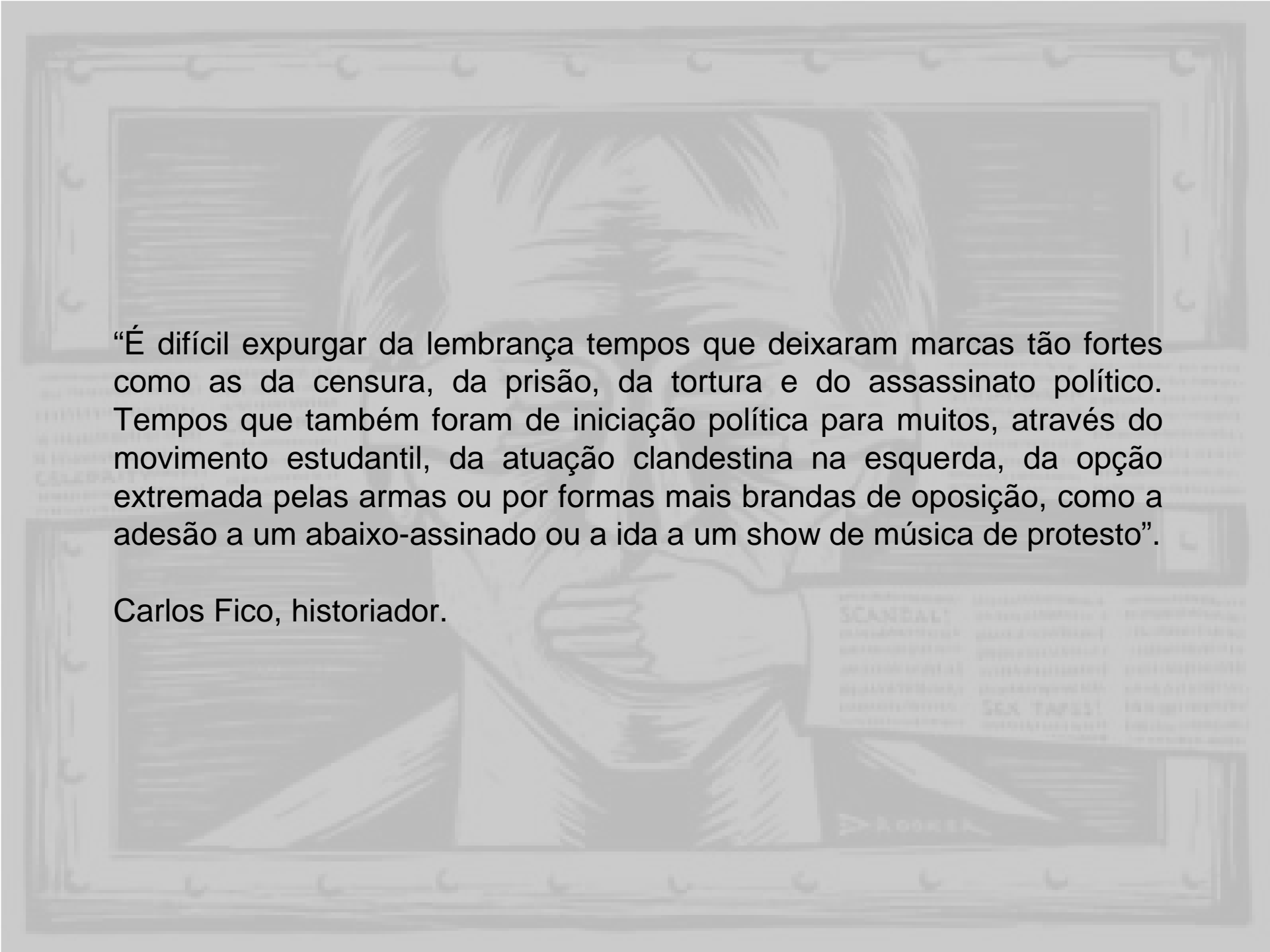
50 anos



**Centro de Memória
da Justiça Eleitoral**
Professor Tarcísio Medeiros

Tribunal Regional Eleitoral
Rio Grande do Norte

O passado a serviço do futuro



“É difícil expurgar da lembrança tempos que deixaram marcas tão fortes como as da censura, da prisão, da tortura e do assassinato político. Tempos que também foram de iniciação política para muitos, através do movimento estudantil, da atuação clandestina na esquerda, da opção extremada pelas armas ou por formas mais brandas de oposição, como a adesão a um abaixo-assinado ou a ida a um show de música de protesto”.

Carlos Fico, historiador.



O Golpe

“Já são bastante conhecidos os episódios que marcaram o golpe de 1964, que não se caracterizou por combates cruentos, mas, ao contrário, por lances burlescos, sendo talvez o mais notável o fato de ter-se iniciado contra a vontade daqueles que o tramavam. Nos últimos dias de março intensificaram-se as atividades conspiratórias, envolvendo oficiais-generais, oficiais superiores, governadores, parlamentares e empresários. Muitos deles vinham participando de prolongada campanha de desestabilização do governo João Goulart, sobretudo através de atividades de propaganda política variada [...] que afirmavam a incompetência do governo e sua tendência esquerdista” (FICO, 2004, p. 9).

“O golpe, porém, dependia de iniciativa propriamente militar, e as evidências de que dispomos apontam certa tibieza da parte dos oficiais-generais de fato importantes, que esperavam uma iniciativa marcadamente ilegal de João Goulart para que fosse possível convencer comandantes de grandes unidades militares a marchar sobre o Rio de Janeiro e controlar Brasília. Por certo, entre oficiais menos evidentes e mais arrebatados, tornara-se comum mencionar os riscos do momento, falas exaltadas daqueles que gostariam de ver precipitada "a ação", que não se sabia muito bem qual fosse, mas que haveria de ser radical, decisiva, histórica - a "revolução". Essa retórica também era incentivada pelos políticos que acorriam aos quartéis levando avaliações gravíssimas e pedindo ações urgentes - as "vivandeiras" de que falava o marechal Castelo Branco” (FICO, 2004, p. 15).

A atmosfera política era de grande agitação não apenas entre militares, políticos e empresários que queriam livrar-se do governo. João Goulart defrontara-se, no início de 1964, com sua própria fragilidade. Chegara à presidência da República por acaso e por sorte, após a surpreendente renúncia de Jânio Quadros e contra a vontade dos militares (FICO, 2004, p. 16).

Diante dos acontecimentos conturbados de março de 1964, o presidente João Goulart viajou para o Rio Grande do Sul. Segundo um comunicado de Darcy Ribeiro, chefe da Casa Civil do governo Jango, o presidente mantinha seus plenos poderes constitucionais mesmo estando no Rio Grande do Sul. Entretanto, ainda assim isso serviu de estopim para a declaração de vacância.

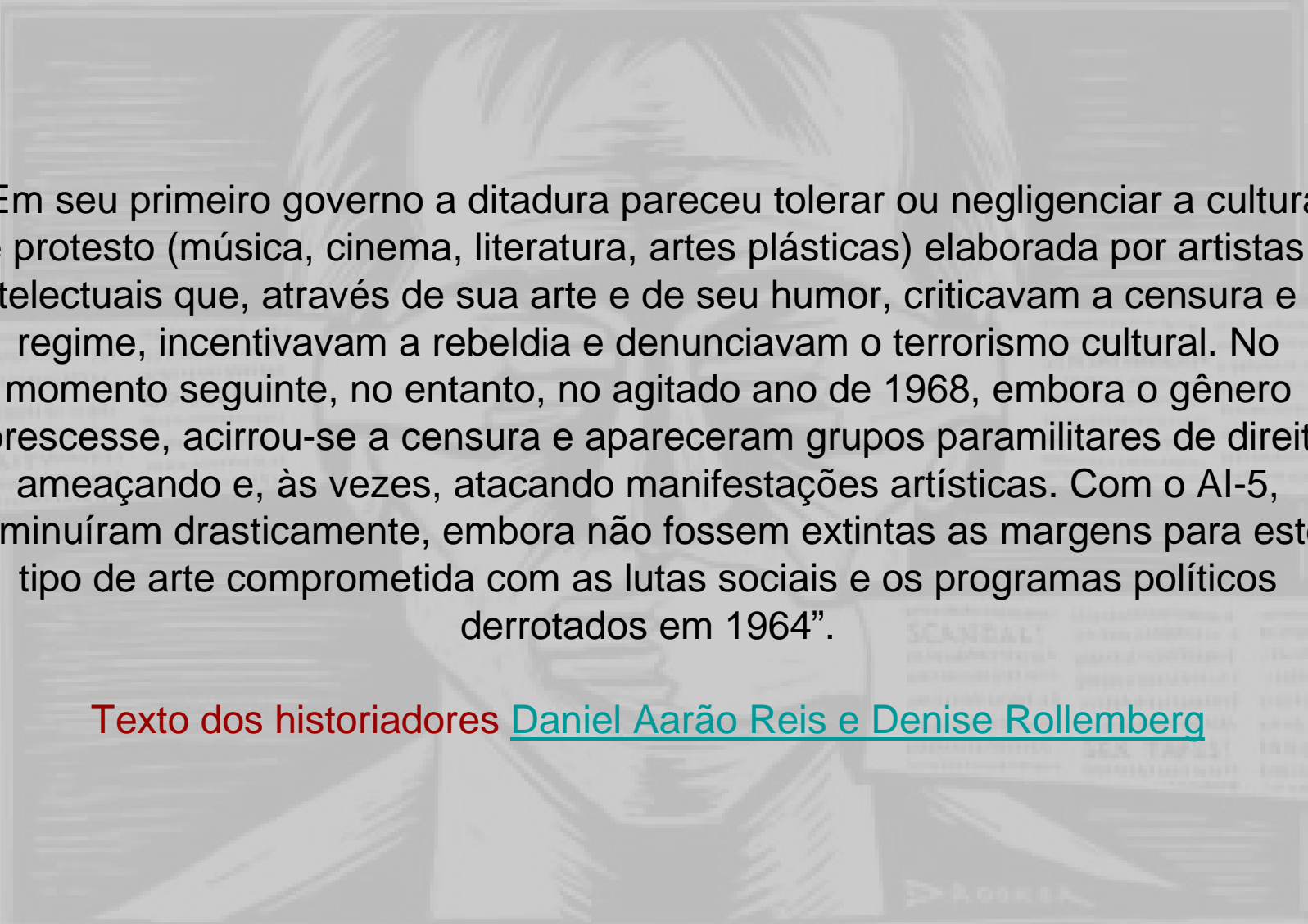
A declaração de vacância do cargo de presidente da República foi formalizada pelo então senador Auro de Moura Andrade (PSD/SP) e foi lida na madrugada do dia 2 de abril de 1964, em sessão extraordinária.

O Ofício de Darcy Ribeiro foi uma tentativa de dar tempo para que Goulart decidisse reagir. [...] (Mas), como se sabe, do Rio Grande do Sul Goulart deixou o país, indo para o Uruguai.

O General Arthur da Costa e Silva automeou-se, no dia 1º, comandante do Exército Nacional e, nesta condição, assumiu o controle do [país] (FICO, 2004, p. 19).



As artes como mecanismo de resistência



“Em seu primeiro governo a ditadura pareceu tolerar ou negligenciar a cultura de protesto (música, cinema, literatura, artes plásticas) elaborada por artistas e intelectuais que, através de sua arte e de seu humor, criticavam a censura e o regime, incentivavam a rebeldia e denunciavam o terrorismo cultural. No momento seguinte, no entanto, no agitado ano de 1968, embora o gênero florescesse, acirrou-se a censura e apareceram grupos paramilitares de direita ameaçando e, às vezes, atacando manifestações artísticas. Com o AI-5, diminuíram drasticamente, embora não fossem extintas as margens para este tipo de arte comprometida com as lutas sociais e os programas políticos derrotados em 1964”.

Texto dos historiadores [Daniel Aarão Reis e Denise Rollemberg](#)



As artes foram um meio fundamental no sentido de protestar contra o regime ditatorial vigente.

Mais imagens disponíveis [aqui](#).



Repressão aos protestos de estudantes.
Rio de Janeiro/1968.



Sugestões e referências

Sugestões:

Série (3 episódios): [“O dia que durou 21 anos”](#).

A série mostra como os Estados Unidos agiram para planejar e criar as condições para o golpe da madrugada de 31 de março. E, depois, para sustentar e reconhecer o regime militar do governo do marechal Humberto Castelo Branco. Envergando uma roupa civil, ele assume o poder em 15 de abril. Castelo era chefe do Estado Maior do Exército de Jango.

[Revista Brasileira de História](#) - “Brasil:do ensaio ao golpe (1954-1964)”

Site: [Memórias Reveladas](#)

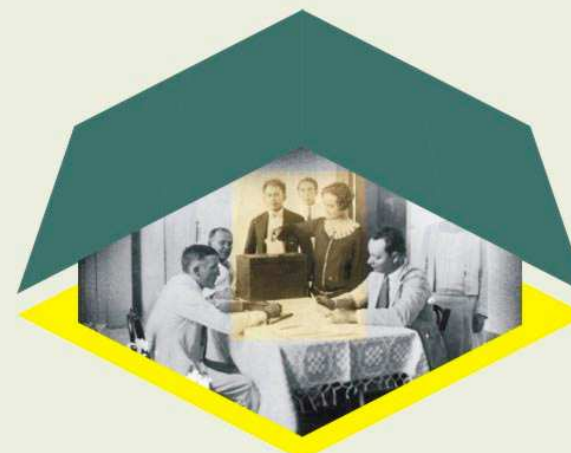
Referência base:

FICO, Carlos. **Além do Golpe**: a tomada do poder em 31 de março de 1964 e a ditadura militar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Editorial:

Idealização do projeto: Ana Paula Vasconcelos do Amaral e Silva Araújo e Keidy Narely Costa Matias.

Pesquisa e organização dos slides: Keidy Narely Costa Matias – estagiária do TRE/RN, mestranda em História e graduanda em História (bacharelado) pela UFRN.



Centro de Memória da Justiça Eleitoral

Professor Tarcísio Medeiros

**Tribunal Regional Eleitoral
Rio Grande do Norte**

O passado a serviço do futuro